

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Formação de Professores de Português para Estrangeiros

Humm, olha...

A indiretividade do “não” em repostas no português do Brasil, sua  
relevância e aplicabilidade no ensino de PL2E

Ana Cristina de Moraes Ferreira

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque

Ana Cristina de Moraes Ferreira

**Hummm, olha...**  
**A indiretividade do “não” em respostas, no português do**  
**Brasil, sua relevância e aplicabilidade**  
**no ensino de PL2E**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da  
PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de especialista  
em professor de português para estrangeiros.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2014



Para minha família, pelo apoio e incentivo.

## Agradecimentos

A todos aqueles que sempre estiveram ao meu lado e que, realmente, acreditaram em mim.

Aos grandes professores deste curso de especialização, que em tão pouco tempo conseguiram transmitir uma vastidão de conhecimentos.

À minha professora e orientadora, Adriana Albuquerque.  
Jamais esquecerei seus ensinamentos, sua alegria, sua maneira especial de dar as aulas.

Um agradecimento muito especial ao meu marido, que tanto compreendeu meus momentos de estresse, quanto me incentivou e acreditou a todo instante na minha vitória. Obrigada, pelo amor e pela paciência!

Agradeço também à minha tão amada filha, que embora sendo uma criança, foi capaz de me dar apoio, amor e motivação nos momentos mais difíceis. Obrigada, Luisa, por tanto amor e sabedoria!

## Resumo

Ferreira, Ana Cristina de Moraes. **Hummm, olha... A indiretividade do “não” em respostas no português do Brasil, sua relevância e aplicabilidade no ensino de PL2E.** Rio de Janeiro, 2014. Monografia. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-Rio.

O ensino de PL2E apresenta muitas dificuldades, tanto para os professores quanto para os seus aprendizes, principalmente no contexto da interação, devido à forte presença da cultura, que acompanha o idioma e não se encontra nas gramáticas, como é o caso do simples fato de negar, que pode trazer sérios problemas quando não expressa a negação de forma diretiva e quando não se conhece os elementos que a prefaciam. Assim, com o intuito de facilitar tanto a compreensão do aprendiz de PL2E, quanto ampliar os recursos utilizados pelo professor em sua jornada de facilitador da aprendizagem, realizou-se mais essa pesquisa.

## Palavras chave

Indiretividade do não, elementos prefaciadores da negativa indiretiva, negativa indiretiva, negação indiretiva.

## Abstract

Ferreira, Ana Cristina de Moraes. **Hummm, look...The nondirective use of “no” in Brazilian Portuguese answers, its relevance and applicability in PL2E teaching.** Rio de Janeiro, 2014. Monografia. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

The PL2E teaching presents many difficulties, for teachers and for its learners as well, mainly in the context of interaction, due to the strong cultural presence, that follows the language and which is not found inside the grammar. That is the case of the simple act of denying something, which can bring serious problems when this negative is not used in a directive way and when people do not know the elements that are prefacing it. Then, this research was done with the aim of facilitating the understanding of the PL2E learners and expanding the resources used by the teachers in their journey as a learning facilitator.

## Keywords

Nondirective way of “no”, prefacing elements of nondirective negative, nondirective negative, nondirective denying.

## Sumário

1. Introdução.....	7
1.1. Objetivos gerais .....	7
1.2. Objetivos específicos .....	7
1.3. Hipótese .....	8
1.4. Justificativa.....	8
2. Revisão da literatura .....	9
3. Fundamentação teórica .....	18
4. Metodologia .....	21
5. Análise de dados .....	23
5.1. Uso de justificativas em lugar do “não” .....	23
5.2. Interjeições, elementos prefaciadores.....	23
5.3. Perguntas curtas .....	25
5.4. Frases de desculpas, prefaciadoras da negação .....	25
5.5. Frases prontas prefaciando a indiretividade do não.....	26
5.6. Advérbio prefaciando e enfatizando a indiretividade .....	27
5.7. Verbos, elementos prefaciadores da negação indireta .....	27
5.8. Perguntas, estratégia para ganho de tempo .....	28
5.9. Adjetivos prefaciadores da negativa indiretiva .....	29
6. Conclusão.....	32
7. Referências bibliográficas.....	34
8. Anexo.....	37

# **1. Introdução**

Geralmente, o brasileiro não costuma ter o hábito de ser diretivo em suas respostas, principalmente nas negativas, o que nos leva a pensar na dificuldade que um estrangeiro, aprendiz de PL2E, pode ter para compreender o verdadeiro significado de tal resposta e ao mesmo tempo, como esse estrangeiro pode ser visto pela sociedade brasileira ao usar respostas negativas diretivas.

## **1.1. Objetivos gerais**

O objetivo deste trabalho é levar o professor de PL2E a refletir sobre como abordar as diferentes maneiras não-diretivas que o brasileiro da região sudeste, Rio de Janeiro, utiliza para elaborar respostas negativas, de modo a facilitar a compreensão do aprendiz de PL2E, para que ele possa interagir com o brasileiro sem maiores dificuldades.

## **1.2. Objetivos específicos**

- Levar o aprendiz de PL2E a identificar e diferenciar os elementos prefaciadores de respostas negativas feitas de forma indiretiva, muito comumente utilizadas pelo brasileiro em seus discursos, assim como em recusa a algum pedido e/ou solicitação que não lhe seja de real interesse, prevendo assim, a intenção da pessoa com quem se está falando, para evitar mal entendidos.
- Sugerir algumas opções de elementos prefaciadores da negação indiretiva, para que o professor de PL2E possa refletir sobre eles, assim como transmiti-los ao aprendiz para que este possa ter a opção do uso situacional adequado.
- Adicionar informações ao cotidiano do professor de PL2E, para que ele possa não só perceber as maneiras diferentes de negação utilizada pelos brasileiros, como também, inserir essa percepção em suas aulas, de modo a facilitar a comunicação do seu aluno com o brasileiro, principalmente em contexto de imersão.

### 1.3. Hipótese

Frequentemente, no português brasileiro, dependendo do grau de intimidade entre os interlocutores e/ou do contexto situacional, em casa ou no trabalho, as respostas negativas tendem a ser cada vez mais elaboradas em sua não-diretividade.

O brasileiro costuma evitar o uso de um simples *não* e acrescenta em seu discurso, justificativas, elementos linguísticos e extralinguísticos que deixam subentendidas a sua resposta negativa. Tal indiretividade parece ser usada com o objetivo de não querer ofender ou magoar o ouvinte do seu discurso.

### 1.4. Justificativa

Embora haja alguns trabalhos que envolvam o uso da indiretividade nas respostas negativas do português brasileiro, é muito importante que se faça um estudo mais aprofundado nesse assunto, para que fique mais evidente a compreensão dos recursos utilizados em negações não-diretivas. De modo que o aluno de PL2E tenha facilidade em aplicá-los conforme for a sua intenção no discurso.

Assim, poderemos evitar que o estrangeiro, aprendiz de PL2E, passe por constrangimentos e/ou situações desagradáveis ao interpretar uma resposta desse tipo. Da mesma forma, poderemos ajudá-lo a se expressar dentro dos padrões conversacionais de maior aceitabilidade do português brasileiro de todos os dias.



## 2. Revisão da literatura

A negativa não está diretamente relacionada ao imperativo, porém, como o trabalho se refere a forma indiretiva do “não” utilizada pelo brasileiro em suas respostas, ao pesquisarmos as gramáticas, notamos que as respostas negativas não diretivas podem estar vinculadas às estruturas interacionais relacionadas a pedidos e/ou ordens, as quais estão prescritas e/ou descritas no item gramatical imperativo, como temos, por exemplo, em Perini (2010): Lava esse carro, por favor.

De acordo com AZEREDO (2012), há duas importantes diferenças entre o modo imperativo e os outros dois:

- As formas verbais dos modos indicativo e subjuntivo variam para situar os fatos em diferentes intervalos de tempo (IT), já as formas do imperativo são invariáveis quanto ao tempo;
- As formas do indicativo e do subjuntivo se empregam em todas as funções da linguagem, já as do modo imperativo são exclusivas dos usos da língua em que o enunciador se dirige explicitamente ao seu interlocutor e frequentemente o nomeia pelo emprego de um vocativo (ver 4.3.4)<sup>a</sup>, o que limita a ocorrência do imperativo à função conativa (ver 4.2)<sup>b</sup> da linguagem.

Segundo o referido autor, a tipologia mais tradicional e abrangente distingue três espécies fundamentais - ou modalidades – de frases, segundo a finalidade de quem fala/escreve. São elas declarativas, interrogativas e imperativas. Esta distinção baseia-se em traços formais tipificadores das frases, como entonação, seleção lexical e ordem das palavras.

---

<sup>a</sup> Existem na língua recursos diversos para indicar que estamos dirigindo a palavra a um interlocutor ou destinatário: *Atenção! Com licença! (...)*. A enunciação de qualquer desses segmentos se realiza obrigatoriamente mediante uma modulação da voz – ou entonação – que sinaliza a intenção com que são proferidos: alerta, convite, saudação, apelo, repreensão, chamamento, ordem etc. As formas desse grupo têm o papel discursivo de **vocativo**, termo com que o enunciador identifica o interlocutor/destinatário – pessoa ou animal – quando a ele se dirige (*Maria, que horas são? (...) Garçom, traz a conta, por favor. (...)*). Unidade inerente à atividade interlocutiva, o vocativo não pertence a estrutura da oração. À semelhança do que se passa com as interjeições, a entonação o individualiza na cadeia da fala. É comum seu emprego isolado como frase imperativa, como no ato de chamar alguém que esteja distante (o substituto desse vocativo é a interjeição *Psui!*) ou ausente (quando não se sabe o nome da pessoa a ser chamada, este vocativo dá lugar ao ato de ‘bater palmas’), ou ainda nos atos de repreender ou saudar o interlocutor. AZEREDO [2012: 75-76]. <sup>b</sup> Função conativa- aquela que realça a interlocução, explicitando a participação do destinatário. AZEREDO [2012: 69].

As seguintes frases são exemplos típicos dessa diferença:

Não desperdice seu talento musical numa bandinha (frase imperativa).

Tomara que ele não desperdice tanto talento numa bandinha! (frase optativa, com que se expressa um desejo).

O autor, em análise, também destaca que fazemos pedidos por meio de perguntas como: *Pode me emprestar uma caneta?*, ou que damos ordens por meio de declarações: *Você vai devolver agora o dinheiro que pegou emprestado?*. Assim como fala sobre a nossa condição de seres históricos que nascidos e criados numa dada cultura, faz de cada um de nós uma espécie de arquivo de imagens e modos de conhecer e de dizer pertencentes a toda a sociedade e que o que quer que expressemos sempre carrega em sua formulação verbal sinais de sua vinculação cultural e histórica e de sua contextualização social. De acordo com o autor, é assim que nossas experiências de mundo, por mais que as consideremos íntimas e particulares, são organizadas para fins comunicativos em formas de representação compartilhadas pela comunidade, a fim de que o outro, amparado em sua própria bagagem cultural e discursiva, possa interpretar e compreender o que lhe dizemos, assim, essa herança impregna nossa fala e contribui para a arquitetura de nossa personalidade e, com efeito, por muitos modos explícitos ou dissimulados, conscientes ou inconscientes, outras falas, palavras e ideias de outros indivíduos entram no enunciado/texto através da voz daquele que o escreve ou fala. Porém, em nenhum momento, o autor aproveita tais observações para acrescentar o caso da indiretividade usada pelo brasileiro em resposta negativas.

LIMA (2012), em sua gramática normativa, diz que o modo caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a situação contida no verbo; e as distingue em três modos: indicativo, subjuntivo e imperativo.

De acordo com o referido autor, o imperativo só tem um tempo – o presente -, que também se aplica às ordens que se dão para o futuro e para o passado. E acrescenta os seguintes exemplos:

Faça o que eu lhe *digo*. Faça o que eu lhe *disser*. Faça o que eu lhe *disse*. (Capítulo 10 p.168 e 169).

Com essa abordagem, deixa vaga a noção de indiretividade nas respostas negativas tão comumente utilizadas pelo brasileiro.

BECHARA (2009), ao abordar os modos do verbo, diz que são, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e o seu agente:

- Indicativo- em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais:  
*canto, cantei, cantava, cantarei.*
- Subjuntivo (conjuntivo) - em referência a fatos incertos: talvez *cante*,  
*se cantasse*
- Condicional - em referência a fatos dependentes de certa condição:  
*cantaria.*
- Optativo - em relação a ação como desejada pelo agente: *E viva eu cá*  
*na terra sempre triste.*
- Imperativo - em relação a um ato que se exige do agente: *cantai*

No que diz respeito ao emprego dos modos do verbo, o autor faz as seguintes considerações sobre o imperativo:

- o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:  
*“Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: **Fartar**, rapazes” [AH.2,98]*
- usa-se o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:  
***Queira aceitar** meus cumprimentos.*

O autor analisado, também faz uma observação relatando que os casos ali lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português e que são várias as situações que podem, ferindo os princípios ali expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos, que são questões que fogem ao âmbito da gramática e que constituem preocupação da estilística.

Notamos que, mais uma vez, faltam informações sobre a maneira com a qual o brasileiro se dispõe a fazer uso da indiretividade em respostas negativas.

Em PERINI (2010), encontramos informações de que quando o verbo está no modo imperativo, o sujeito pode ser e, geralmente, é omitido. O autor diz que isso, provavelmente, tem a ver com o fato de que o sujeito do imperativo sempre se refere ao ouvinte, com ou sem inclusão do falante e que verbo deixa cada caso bem claro. Em seguida, exemplifica e explica da seguinte maneira:

- *Lava esse carro, por favor.*

“Sabemos que o Agente de *lavar* deve ser o enunciatário (não o pronome *você*, que seria o sujeito, mas não está presente na frase; apenas o receptor da mensagem representado entre aspas; “você”). Perini (2010, 4.2).

- *Vamos lavar esse carro.*

“O Agente só pode ser o falante mais o(s) ouvinte(s).

Assim, o sujeito não é necessário para efeitos de informação, e só aparece quando é enfático ou contrastivo:

Lava **você** esse carro!

Vamos lavar **nós mesmos** esse carro.” Perini (2010, 4.2).

Ainda falando sobre o imperativo, o autor em análise, escreve que a forma mais frequente na região Sudeste do Brasil é idêntica ao presente do indicativo, terceira pessoa do singular, exemplificando da seguinte forma:

- *Faz um sanduíche para mim, por favor.*
- *Vem cá um momento.*

Posteriormente, o referido autor relata que no nordeste do Brasil conserva-se a forma idêntica ao subjuntivo: *faça um sanduíche..., venha cá*. E que, mesmo no Sudeste, entretanto, se diz *esteja* (de *estar*) e *seja* (de *ser*), em vez dos esperados *está* e *é*, mostrando também, que a forma de primeira pessoa do plural, dada nas gramáticas como *façamos*, é formada no PB (português brasileiro) com uma forma de *ir*: E exemplifica:

- *Vamos fazer um sanduíche!*

No entanto, apesar de suas observações, o autor não relata situações da indiretividade em respostas negativas usada pelo brasileiro em seus discursos.

Na dissertação de mestrado de Prado (2001), a autora faz algumas considerações sobre a cultura brasileira, mostrando que o brasileiro tem grande dificuldade de dizer “não” e, cita que DaMatta (1991:17) apresenta uma explicação bem clara dessa dificuldade na sua definição de ser brasileiro:

*“Sou brasileiro (...) porque sei que não existe jamais um “não” diante de situações formais.”.*

A referida autora comenta que de acordo com Harrison (1983:48) não ir à festa de aniversário de um amigo é considerado bastante desagradável e, assim sendo, não aceitar convites pode parecer descortesia, falta de interesse e até desrespeito ao outro, enquanto a recusa direta parece ser ofensiva a brasileiros. Logo, de acordo com a autora, parece que a substituição da palavra negativa “não” pelo uso do prefixo “im”, ameniza um pouco o impacto dessa recusa e a torna, aparentemente, menos ofensiva. A seguir exemplifica:

*“Oh rapaz!...lamento demais. Parabéns demais pra você, **mas vai ser impossível. Já tenho compromisso já**”.* (D3-3.6)

Prado (2001) diz que nessa modalidade de recusa, também estão presentes as negativas “não” e, com menor frequência, “nem”, mas que antecedidas pelo verbo “achar”, como no exemplo:

“Está certo. Muito obrigado pelo convite, mas **acho que sábado não vou poder ir** porque eu tenho compromissos que não dá para adiar, mas mesmo assim, agradeço o convite. Muito obrigado”. (A3-3.3)

Constatamos nos exemplos acima que o verbo “**achar**”, normalmente utilizado para se emitir opinião ou descoberta de algo, assume a função de minimizar o efeito negativo da recusa por trazer um significado relacionado à dúvida e, assim sendo, parece demonstrar um cuidado com a face positiva dos interactantes. A recusa com “**eu acho que não vai dar pra ir**” ainda denota uma proteção da face negativa do interlocutor, mas parece ser mais amena, mais polida que a direta “**não vou poder ir**” e, desta maneira a ofensa pela recusa poderá ser menor.

Em sua pesquisa, a autora analisada, observou que existe a utilização de enunciados positivos que denotam, porém, a impossibilidade de comparecer a um evento:

Observamos, em nossos dados, um exemplo de resposta com recusa clara sem a presença do enunciado negativo. Nesse caso, a ideia negativa, é revelada no enunciado linguístico positivo “**Vou ter que perder**”, também detonador de recusa.

“Poxa vida. Festa de formatura!? **Vou ter que perder**. Poxa eu estou com uma... estou com médico marcado. Vou ter que operar uma... um microcirurgião.... Vou ficar na clínica dele justamente no sábado. Poxa, eu queria mesmo ir”. (A2-3.1)

Segundo a referida autora, a recusa indireta, ou implícita, utilizada como estratégia de polidez para minimizar a ameaça à face dos interactantes, pode ser depreendida no contexto da interação e, a recusa não é, claramente, revelada nas estruturas linguísticas, mas são apresentadas pistas de contextualização, culturalmente reconhecíveis, que nos levam a identificá-la como uma não aceitação do convite. A seguir, a autora, em análise, diz que podemos depreender uma recusa indireta em frases e expressões linguísticas com:

- Indicação de dificuldades e/ou obstáculos a serem vencidos, de forma que as expressões são facilmente perceptíveis como uma recusa por anunciarem a dificuldade de se comparecer ao evento e que, assim sendo, estão muito próximas da negativa direta:

Dentre elas, podemos destacar “**vai ser difícil**”, “**vai ficar difícil**”, “**vai ser complicado**”, “**vai ficar complicado**” e variantes com o uso dos intensificadores “**meio**” e “**muito**”.

“Caramba... eu estou com uma crise de asma... **Vai ser meio difícil eu ir**”.(A10-1.3)

“Ih!... **Vai ser difícil ir**. O meu carro está quebrado e a distância é longa... Não tem como concertar o carro até esse dia”. (C5-3.3)

- Indicação de uma hipótese longínqua e descompromissada, que pode ser identificada no uso de frases ou expressões, como “vou ver se dá”, “se eu for” e “se der”, que apresentam uma indefinição da resposta e prenunciam uma chance muito pequena de realização do enunciado proferido. Segundo a autora, com esse comportamento linguístico, percebe-se uma atitude de descompromisso e desinteresse do falante, identificada na ausência de desculpa de outras expressões reveladoras de interesse pelo evento, sendo, geralmente, respostas curtas, diretas e com pouco envolvimento emocional, o que faz com que sejam consideradas, culturalmente, impolidas e deselegantes.
- Uso do futuro do pretérito como modalizador, servindo como recusa nas formas modalizadoras “gostariam, queriam e/ou adorariam”, que prenunciam uma ação impossível de ser realizada:

“Oh! **Seria um prazer...**, mas se ... infelizmente..., se eu já não tivesse um compromisso, **eu iria** com muito prazer”. (C1-1.6)

“Obrigada por ter lembrado de mim. **Eu adoraria ir**, mas infelizmente tenho um compromisso que não dá pra cancelar”. (C1-2.2)

“Poxa, cara! **Gostaria demais de ir**, mas estou com um compromisso e não posso deixar de ir de jeito nenhum”. (D3-1.1)

Além da recusa, percebemos na utilização de expressões no futuro do pretérito um componente emocional, deixando transparecer no enunciado linguístico o envolvimento com o outro. Esta é uma estratégia de polidez para demonstrar o envolvimento do interlocutor e o seu desejo de proteção da face positiva. Essas expressões são normalmente pronunciadas mais lentamente e com uma entonação que denota o pesar e a tristeza por não poderem aceitar o convite e, geralmente, são precedidas de uma desculpa ou de um disfarce com outro compromisso que impossibilita a ida.

- A referência a uma desculpa ou disfarce com outro compromisso valendo como recusa, em que se reconhece a indiretividade pela apresentação da própria desculpa, que por dedução, significa recusa:

“Muito obrigado por convidar, mas amanhã às 9 horas eu não vou estar na cidade. **Tenho um compromisso em outra cidade**”. (C6-3.2)

“Ih... Caramba... Domingo é o horário da minha mãe ir à missa e ela pediu tanto pra eu acompanhá-la e tem tanto tempo que eu não vou... **Vou ter que ir com ela**”. (A10-2.1)

“Hum sábado? Tem tanto tempo que não te vejo, não é? Tinha até esquecido do seu aniversário, mas sábado agora estou com... estou cheio de coisas pra fazer. **Minha mãe está chegando lá em casa de viagem e eu vou ter que ficar lá pra dar uma atenção pra ela**”. (A8-1.3)

O fato de apresentar um outro compromisso que impossibilita a ida, revela uma preocupação do interlocutor com sua imagem, em ser bem interpretado e manter sua face positiva. Além disso, ao recusar indiretamente, desculpando-se com outro compromisso, ele está tentando proteger a face positiva do locutor, pois a recusa não é por uma desconsideração, é porque existe algo que impede a ida ao evento. Assim sendo, podemos dizer que, com esse tipo de resposta, preserva-se a face negativa do interlocutor e, ao mesmo tempo, minimiza-se o efeito negativo da recusa na face positiva de ambos.

- A formulação de uma promessa futura:

Poxa... Eu queria ir, mas é que... é que já marquei com um pessoal há um tempão. Desculpa, mas **vai ficar pra próxima**”. (B3-2.1)

“Bom, no Porcão!? Eu até... acabei de almoçar lá. Então **ficaria pra outra oportunidade**”. (C7-2.1)

“Poxa! Obrigada pelo convite. Adorei. Acho que vai ser superlegal ver vocês lá, num ambiente festivo, não é? Mas eu tenho já alguma coisa, um compromisso. **Posso ir no dia seguinte te dar um abraço?** ” (C3-2.3)

- A proposta de um adiamento da decisão é percebida por meio de um pedido ou proposta de se dar uma resposta futura, porém, apesar de adiada, a resposta traz outras marcas linguísticas anunciando a probabilidade de uma recusa futura que, de acordo com Prado (2001), são marcas, ou pistas culturais utilizadas para salvar a face positiva e que podem ser reconhecidas na apresentação de um impedimento com outro compromisso e em frases, como “é meio difícil, eu gostaria / eu queria”:

É meio difícil, não é?... Olha, **eu posso te ligar na sexta-feira para confirmar se eu vou ou não?** Tenho um outro compromisso familiar... Vou ver se desmarco, vou tentar ir, mas eu vou fazer o possível, mas...” (C3-1.1)

Olha, vou fazer o possível pra ir. Adoro você, mas... Adoro a X. Era tudo que eu queria como programa, mas eu já tenho uma coisa chata pra caramba que eu fiquei enrolando pra ir, mas agora... Vou tentar... **Vou te ligar na sexta-feira dizendo se é, ou não possível ir**". (C3-2.2)

Constatamos que a apresentação de uma proposta de adiamento da decisão demonstra uma falta de cuidado com a face positiva do locutor que esperava uma resposta imediata e positiva. Podemos dizer que, ao mesmo tempo em que a face positiva do locutor, o interlocutor está colocando sua face positiva em jogo e é por ter consciência disso que apresenta um impedimento com outro compromisso ou frases como “**é meio difícil, eu gostaria / queria**”, como que renunciando uma recusa. Com esses enunciados o interlocutor está estrategicamente tentando minimizar a ofensa e salvar a face positiva.

- Apresentação da necessidade de consultar terceiros para a tomada de decisão. De acordo com a referida autora, quando o interlocutor sente-se impossibilitado de decidir sozinho, prefere repartir com terceiros a possibilidade de decisão na tentativa de aliviar sua culpa pela ofensa da recusa:

“Ah! Está bom. Vou achar ótimo, vai ser muito legal. **Agora eu preciso estar é..., estar conversando com meu marido. Tenho que verificar se a gente tem outro compromisso**, enfim, você me passa um horário e tal e a gente conversa então”. (D6-1.4)

“Olha, **eu vou precisar falar com minha mulher porque eu não sei se ela tem alguma programação**. Realmente eu vou precisar saber pra poder ir. Não faço nada sem ela, quer dizer, se tem outra coisa... De ante mão, está tudo bem, mas não posso te garantir”. (D10-1.4)

- A apresentação de uma promessa e um empenho em ir. A autora, em análise, mostra que declarações como “vou tentar ir”, “Vou fazer o possível para ir” e variantes, denotam um empenho, um desejo em comparecer ao evento e, muitas vezes, podem ser vistas como uma promessa de ida, mas na verdade, ao proferi-las, o interlocutor está usando a estratégia de polidez de salvamento de face.

“Tá. **Vou tentar chegar um pouquinho lá**, chegar um pouquinho mais cedo porque eu trabalho nesse dia”. (C5-1.2)



- O uso de jogar a culpa da não aceitação no locutor. A referida autora explica que, quando o interlocutor toma essa atitude, ele está procurando se defender, porém, está comprometendo a face do outro. Dessa forma, além de não se preocupar com a face positiva do outro, também está negligenciando a sua própria face ao ser impolido com o locutor.

“Ah, Reginaldo. **Por que você não falou antes?** Eu tinha... Já... já programei outra coisa. **Se tivesse falado antes, até dava pra encaixar, mas agora** ficou muito em cima. Não vai dar”. (B7-1.6)

(K) “ – **É sábado agora?**

(E) – É sábado agora.

(K) – **É agora? Agora?**

(E) – Agora.

(K) – É que, é que sábado agora, cara. Sábado agora... Sábado agora tem... É o aniversário da minha avó, cara... Que coisa, não é? Ela vai fazer, minha avó vai fazer 70 anos. Ela vai reunir os netos e quer que, com certeza, que eu esteja lá. Até porque sou a única neta dela, assim de mulher. Desculpa, não vou poder ir”. (B4-1.1)

De acordo com Michael Kepp (2003), californiano que veio morar no Brasil em 1983 e que começou a trabalhar como jornalista freelance para a Associated Press, foi preciso se abrigueirar bastante para descobrir as maneiras diferenciadas que o brasileiro utiliza para se comunicar e, depois de muita observação, ele escreveu algumas crônicas que mostram um perspicaz e divertido retrato do Brasil visto por um estrangeiro, que nos leva a perceber que, para a compreensão de uma língua, é necessário que se aprenda mais que, simplesmente, gramática, é preciso compreender toda a cultura que acompanha essa língua para que, enfim, possamos interagir com os nativos sem maiores dificuldades de interpretação.

### 3. Fundamentação teórica

Neste trabalho, após algumas indagações sobre o tema, buscamos o estudo de alguns autores que se dedicaram à investigação da temática que aborda questões de uso da língua e, conseqüentemente, suas opiniões sobre o assunto em questão.

Segundo Goffman (1971), cientista social e antropólogo, os fenômenos sociais se manifestam nas relações entre indivíduos, em encontros sociais que representam, na essência de sua interação, as estruturas sociais, culturais e políticas da sociedade à qual os interlocutores pertencem. O centro de suas microanálises está na observação dos gestos, olhares, posicionamentos e verbalização dos participantes de um encontro social enquanto em co-presença física, uns perante os outros. Este espaço onde se encontram e interagem é denominado territorialidade interacional.

Em um de seus ensaios mais famosos, “On Face Work”, Goffman (1967), afirma que cada indivíduo está imbuído de uma face, ou seja, um valor social positivo que requisita para si mesmo enquanto interação face-a-face com outros indivíduos. A face, para o autor, se refere à autoimagem pública que uma pessoa constrói, sustenta ou perde, em função da linha de conduta usada durante sua interação. Essa face é a grande motivadora para o comportamento polido. Segundo ele, durante as interações, os indivíduos são orientados por um princípio de respeito a dois desejos de face: o de não sofrer imposição (face negativa) e o de ser aprovado e/ou aceito em certos aspectos (face positiva). Neste trabalho do autor, as noções de cortesia, deferência, discrição, parcimônia, escusas etc., ganham importância, tornando-se condições indispensáveis para as relações sociais entre os interlocutores, no qual ele esclarece que a natureza universal humana está relacionada às regras morais de uma dada sociedade, tendendo, pois a se tornar uma construção social.

Em um artigo publicado pelo referido autor em 1964, “The Neglected Situation”, ele esclarece que todo significado é situado, contextual, assegurando que o contexto deve ser compreendido como uma produção/criação conjunta de todos os envolvidos na interação, renovando-se e recriando-se a cada momento em que novos temas e/ou assuntos são invocados pelas necessidades interacionais dos interlocutores.

Segundo Rodrigues Junior (2005), ao eleger o falante como o centro de suas análises, Goffman chamou de *footing* a postura, ou alinhamento dos inter-

locutores, uns em relação aos outros, esclarecendo que a projeção do eu de cada indivíduo torna-se explícita e, portanto, visível e identificável no decorrer da interação. O *footing* dos falantes expressa a maneira com que eles produzem e recebem as elocuções dos outros integrantes da interação dentro de um conjunto de relações interacionais que reproduzem as realidades sociais de cada interlocutor, moldando-as no momento interacional.

Ainda de acordo com o referido autor, Goffman realizou um trabalho em Shetland, Escócia, no qual traz à baila dos estudos etnográficos a necessidade de não apenas descrever a cultura observada, mas sobretudo, de se analisar a interação social dos sujeitos observados como forma de construção de significado pelo uso da linguagem. A principal noção que subjaz aos estudos de Goffman, como sublinha Branaman (1997, p.xlvi), é a de que o eu do indivíduo, ou ator social, é um elemento socialmente construído.

Apoiados em Goffman, Brown e Levinson ([1978]1987), afirmam que, à exceção de situações de ruptura social ou de cooperação urgente, os participantes tendem a mostrar auto respeito, controlando sua conduta de modo a evitar comportamentos inconsistentes com a imagem reivindicada e mostrar consideração pelo outro, sustentando sua imagem ou evitando seu desmascaramento. (Rodrigues Junior, 2005)

Meyer (2013) sugere que a descrição e o ensino-aprendizado do português como segunda língua para estrangeiros (PL2E), não pode se limitar às questões formais da língua, mas deve levar em consideração aspectos da cultura subjetiva de nossa sociedade, questões essas que afloram em ambientes multiculturais. Segundo a referida autora, entende-se por cultura subjetiva, o leque das manifestações invisíveis, ou seja, os conteúdos abstratos como valores e crenças, moralidade, religiosidade, comportamentos e o uso da língua, entre outros. Ainda de acordo com a autora analisada, para que o ensino do PL2E, nesse tipo de situação, seja eficaz, é preciso que aspectos de competência intercultural sejam considerados, afim de que o aprendiz possa, adequadamente, inserir-se com sucesso no grupo de falantes da língua alvo.

Assim, diante a todas as leituras e coleta de informações sobre os estudos referentes a sociolinguística interacional, ressalta-se a importância do estudo da linguagem juntamente com a cultura de cada povo, porque o indivíduo é um ser

social que age e reage em sociedade, defendendo e expondo sua face conforme sua cultura o permita.

## 4. Metodologia

Realizamos o presente trabalho por meio de pesquisa de base qualitativa. Assim, para compor o corpus da análise, foram coletados e analisados, dezessete trechos de diálogos existentes em alguns episódios do filme e do seriado “A grande família”, na modalidade oral, porém, não houve necessidade de fazer a transcrição fonética de tais diálogos. Fizemos apenas a transcrição gráfica das partes principais em que há, de fato, ocorrência do tipo de pergunta e resposta em que se pode observar os recursos que o brasileiro utiliza para elaborar suas respostas negativas esquivando-se do *não*.

A série brasileira, “A grande família”, originalmente criada por Oduvaldo Vianna Filho e Armando Costa, foi, inicialmente, exibida pela Rede Globo entre 1972 e 1975, e em março de 2001, na mesma emissora de tevê, houve uma reinterpretação contemporânea, composta por catorze temporadas, sendo seu último episódio exibido em setembro de 2014. Os personagens principais eram os membros da família Silva, que consistia em Lineu Silva, Dona Nenê, Agostinho Carrara, Bebel, Tuco e mais tarde, Florianinho Carrara. Os Silva caracterizam uma família de classe média brasileira, moradora de um subúrbio na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

No longa-metragem da série de tevê, “A grande família”, exibido nos cinemas em 2006, vemos como Lineu (Marco Nanini) e Nenê (Marieta Severo) se apaixonaram em um baile, em que Lineu só conseguiu entrar após ganhar uma aposta de Carlinhos (Paulo Betti). Quarenta anos depois, Lineu, ao fazer um exame médico, descobre um possível problema de saúde. Ele revê seu estilo de vida com a esposa, com a família e com seu ambiente de trabalho, mas cada nova atitude sua gera muita confusão, principalmente, porque Carlinhos está de volta e louco de vontade de ir ao baile com Nenê.

O contexto do filme e do seriado de tevê “A grande família” consiste na interação entre membros de uma família carioca de classe média, seus vizinhos e colegas de trabalho, no subúrbio da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A interação acontece entre homens e mulheres numa faixa etária média de trinta e cinco anos de idade, em tempos atuais.

Em todos os casos observamos a presença de indiretividade e de elementos que introduzem a negação antes mesmo que o *não* seja dito, caso o seja.

Os exemplos analisados serão identificados, neste trabalho, pela letra E (E1, E2, ...).

## 5. Análise de dados

O corpus da pesquisa foi extraído de trechos de diálogos ocorridos em episódios da série de tevê e do longa-metragem “A grande família”, a partir dos quais, pretendemos destacar os elementos prefaciadores que nos auxiliam a compreender a negação feita pelo brasileiro de forma indiretiva.

### 5.1. Uso de justificativas em lugar do “não”

Nos exemplos a seguir, destacamos algumas justificativas utilizadas no lugar da negação diretiva.

- E1:

Lineu: *Tô sem o paletó!*

- E2:

Nenê: (sorriso) *Eu não vou dançar com o paletó, vou dançar com o cara dentro dele.*

Percebemos que, em vez de utilizar simplesmente o “*não*”, o locutor usa uma justificativa com a intenção de buscar uma solução para o seu problema. Nos exemplos apresentados, o uso do “*não*” seria algo definitivo, porém ao utilizar a estratégia de polidez, já abordada por Brown e Levinson ([1978]1987), o locutor se apropria da razão, que lhe permite escolher os meios adequados para atingir os fins pretendidos e, assim sendo, em E1, seu ato ilocucionário, que seria fazer com que seu ouvinte o ajudasse com o empréstimo de um paletó para entrar no baile, é alcançado e, em E2, o ato ilocucionário da Nenê, que seria deixar evidente que “*não se importava com o fato de o personagem estar usando o paletó de outro*”, é, então, perfeitamente, compreendido.

### 5.2. Interjeições, elementos prefaciadores

A partir dos exemplos abaixo, mostramos o uso de algumas interjeições como elementos prefaciadores da negação indiretiva.

- E3:

Lineu: *Ehh*...sem o paletó, ele não entra.

- E4:

Nenê: *Ah*, Marilda, se este deu sorte durante 40 anos, pra que mudar?

- E5:

Marilda: Ah! Era só o que me faltava (...)

▪ E6:

Lineu: Ehh... pois é.... isso aí que você falou (...) quarenta anos de namoro merecem uma comemoração especial, Nenê!

▪ E7:

Carlinhos: Oooh, reencontrar a Nenê é sempre muito estimulante.

▪ E8:

Nenê: Humm, é melhor você dançar com a Marilda, eu tô uma péssima companhia hoje.

▪ E9:

Bebel: Puxa, não vai dar dona Jussara porque o salão está lotado...

▪ E10:

Professor Serjão: Oooh, olha, desculpa Nenê, não me sinto à vontade para falar sobre isso com o Lineu, é um assunto muito delicado. (...)

▪ E11:

Marilda: Ai, sabe o que que é, Serjão? Por experiência própria, esse negócio de ficar dando adeus pelo telefone, não adianta nada, você vai ficar me ligando, eu quero pôr um fim nisso.

▪ E12:

Marilda: Ah, eu sinto muito, olha, de relacionamento aberto eu já tô cheia, já basta os que eu tive sem saber, com licença.

Em E3 e E6 *eh*, em E10 *oh*, assim como em E8 *hum*, as interjeições foram pronunciadas de forma prolongada, parecendo-nos terem sido usadas como recurso para ganhar tempo para pensar em como negar sem ameaçar a face, dos interlocutores, como nos mostra Goffman (1967), ao definir a face como a autoimagem pública que uma pessoa constrói, sustenta ou perde, em função da linha de conduta adotada no decorrer de uma interação.

Em E4, E5 e E12 *ah*, assim como em E9 *puxa* e, E11 *ai*, as interjeições são todas empregadas como forma de pesar ou lamento, sendo prefaciadoras da negativa indiretiva, por uma questão de cuidado em preservar a face dos interagentes, já que, de acordo com Oliveira (2008), uma boa imagem é difícil de conquistar e muito fácil de perder.

Em E7, a interjeição *oh* poderia ser perfeitamente substituída por não, porém, quando o locutor faz uso de um ato de ameaça a face indiretamente, o que



de acordo com Brown e Levinson (1987), trata-se de um tipo de ato em que a responsabilidade pela interpretação pretendida é passada para o outro, o locutor, por não ter sido diretivo dizendo, simplesmente, “não”, se exime dessa responsabilidade e ao mesmo tempo, poderá inclusive, ser capaz de perceber, como dar continuidade a sua interação.

### 5.3. Perguntas curtas

Nos exemplos a seguir, apresentamos algumas perguntas usadas pelo locutor com a intenção de transferir a responsabilidade da resposta negativa para o ouvinte.

- E13:

Lineu: *Pra que?*

- E4:

Nenê: Ah, Marilda, se este deu sorte durante 40 anos, *pra que mudar?*

Em E13 *pra que* e E4 *pra que mudar*, as perguntas sugerem que os locutores não estejam totalmente satisfeitos com a situação em que se encontram (E13 com a não visualização do resultado do exame e, E4 com o vestido antigo). Porém, se eles tivessem sido diretivos estariam assumindo sozinhos a responsabilidade pela resposta dada. Desta forma, como eles não se sentem seguros para dizer “*não*”, optam pela indiretividade, dividindo a responsabilidade com o ouvinte que, de acordo com Brown e Levinson (1987), fazer o AAF (ato de ameaça a face) indiretamente, trata-se de um tipo de ato em que a responsabilidade pela interpretação pretendida é passada para o outro e, como a face é a grande motivadora do comportamento polido, eles preferem não assumir a responsabilidade em dizer “*não*” de forma direta.

### 5.4. Frases de desculpas, prefaciadoras da negação

Com os exemplos a seguir, procuramos mostrar algumas frases de desculpas usadas como elementos prefaciadores da negação indiretiva.

- E10:

Professor Serjão: Oooh, olha, desculpa Nenê, *não me sinto à vontade* para falar sobre isso com o Lineu, é um assunto muito delicado. (...)

- E11:

Marilda: Ai, sabe o que que é, Serjão? *Por experiência própria, esse negócio de ficar dando adeus pelo telefone, não adianta nada, você vai ficar me ligando, eu quero pôr um fim nisso.*

Podemos observar em E10 *não me sinto à vontade* e E11 *por experiência própria, esse negócio de ficar dando adeus pelo telefone, não adianta nada, você vai ficar me ligando, eu quero pôr um fim nisso*, que as frases utilizadas são desculpas prefaciadoras de uma negação”. Ao escolherem a forma indiretiva para dar sua resposta negativa, os locutores nos remetem, a Goffman (1967), que comenta em sua obra, que durante as interações, os indivíduos são orientados por um princípio de respeito a dois desejos de face: o de não sofrer imposição (face negativa) e o de ser aprovado e/ou aceito em certos aspectos (face positiva). Nesse trabalho de Goffman, as noções de cortesia, deferência, discrição, parcimônia, escusas etc., ganham importância, sendo condições indispensáveis para as relações sociais entre os interlocutores, no qual o autor esclarece que a natureza universal humana está relacionada às regras morais de uma dada sociedade, tendendo, pois a se tornar uma construção social.

### 5.5. Frases prontas prefaciando a indiretividade do não

Podemos encontrar algumas frases prontas que podem prefaciara indiretividade da negação, conforme observamos nos exemplos abaixo:

▪ E5:

Marilda: Ah (sorriso irônico)! *Era só o que me faltava* (...)

▪ E6:

Lineu: Ehh... *pois é*.... isso aí que você falou (...) quarenta anos de namoro merecem uma comemoração especial, Nenê!

▪ E14:

Nenê: *Sei lá*. Deve ter sido alguma mulher do trabalho dele, né?

▪ E15:

Marilda: *Que é isso*! O Lineu nunca foi disso!

Como podemos observar nos termos destacados em E5 *era só o que me faltava*, E6 *pois é*, E14 *sei lá*, E15 *que isso*, essas estruturas foram escolhidas para dizer “*não*” de forma indiretiva. Segundo Brown e Levinson (1987), é a razão que nos permite escolher os meios adequados para atingir os fins pretendidos, assim sendo, os interlocutores escolheram a indiretividade afim de evitar um ato de amea-

ça a face das interactantes, por não quererem ser indelicados e, principalmente para preservação de suas faces, pois de acordo com Oliveira (2008), uma boa imagem é difícil de conquistar e muito fácil de perder.

### 5.6. Advérbio prefaciando e enfatizando a indiretividade

No exemplo a seguir, podemos observar o advérbio de tempo usado como prefaciador e enfatizador da indiretividade do não.

▪ E15:

Marilda: Que é isso! O Lineu nunca foi disso!

Em E15, o advérbio “*nunca*” é usado para enfatizar, de forma polida, o ato ilocucionário de negar a pergunta que fora feita. Novamente fez-se a escolha da indiretividade com a intenção de preservar a face dos interactantes. Para Oliveira (2008), a obrigação do uso de formas e fórmulas de polidez é um meio de controlar a vulnerabilidade.

### 5.7. Verbos, elementos prefaciadores da negação indireta

Observamos, nos exemplos abaixo, a utilização de alguns verbos no presente do indicativo exercendo a função de imperativo e de elemento prefaciador do não indiretivo.

▪ E10:

Professor Serjão: Oooh, olha, desculpa Nenê, não me sinto à vontade para falar sobre isso com o Lineu, é um assunto muito delicado. (...)

▪ E12:

Marilda: Ah, eu sinto muito, olha, de relacionamento aberto eu já tô cheia, já basta os que eu tive sem saber, com licença.

▪ E16:

Nenê: Imagina, Agostinho!

▪ E17:

Lineu: Olha, hoje não vai dar, sabe? É que eu tenho ainda muito trabalho... vou ficar até mais tarde...

Como podemos observar, em E10, E12 e E17, os verbos destacados (*olha* e *desculpa*) são utilizados pelos locutores no presente do indicativo desempenhando um papel de imperativo, porém com função de ganho de tempo para elaboração de uma indiretividade negativa para evitar o constrangimento de dizer “não” e ameaçar

a face dos interactantes, conforme vimos em alguns trabalhos de Goffman (1967), no qual é afirmado que cada indivíduo está imbuído de uma face, ou seja, um valor social positivo que cada indivíduo requisita para si enquanto interação face-a-face com outros indivíduos. Para o referido autor, a face, além de se referir à autoimagem pública que uma pessoa constrói, sustenta ou perde, em função da conduta aplicada durante sua interação, ela também é a grande motivadora para o comportamento polido.

Em E16 *imagina* observamos o uso do verbo para prefaciara indiretividade do “*não*” subentendido na frase, em que o ato ilocucionário da personagem é de evidenciar que Agostinho não os está atrapalhando para fazer com que ele se sinta à vontade. De acordo com Goffman (1967), durante as interações, os indivíduos são orientados por um princípio de respeito a dois desejos de face: o de não sofrer imposição (face negativa) e o de ser aprovado e/ou aceito em certos aspectos (face positiva). Para o autor mencionado acima, as noções de cortesia, deferência, discricção, parcimônia, escusas, etc. são muito importantes e são vistas como condições indispensáveis para as relações sociais entre os interlocutores, pois a natureza universal humana está relacionada às regras morais de uma dada sociedade, tendendo pois, a se tornar uma construção social.

### 5.8. Perguntas, estratégia para ganho de tempo

A seguir, apresentamos o exemplo de uma pergunta utilizada pelo locutor, em benefício próprio, cuja intenção é ganhar tempo suficiente para elaborar uma negativa indiretiva.

▪ E11:

Marilda: Ai, sabe o que que é, Serjão? Por experiência própria, esse negócio de ficar dando adeus pelo telefone, não adianta nada, você vai ficar me ligando, eu quero pôr um fim nisso.

Em E11 *sabe o que que é?*, parece ter sido usado pelo locutor com a intenção de ganhar tempo para elaborar uma negativa indiretiva, de maneira polida para não ferir a face dos interactantes, conforme afirmam Brown e Levinson([1978] 1987) sobre o fato de que os participantes de uma interação tendem a mostrar auto respeito, controlando sua conduta de modo a evitar comportamentos inconsistentes com a imagem reivindicada e a mostrar consideração pelo outro, sustentando sua imagem ou evitando seu desmascaramento.

### 5.9. Adjetivos prefaciadores da negativa indiretiva

No exemplo abaixo, destacamos um adjetivo utilizado pelo locutor com a intenção de esquivar-se do não diretivo.

▪ E8:

Nenê: Hummm, é melhor você dançar com a Marilda, eu *tô* uma péssima companhia hoje.

Em E8 “*péssima*” podemos observar que apesar de não usar o advérbio de negação “*não*”, a personagem recusa o convite transferindo peso da negação para si, afirmando ser uma péssima companhia naquele dia. Quando a locutora se intitula como “*péssima companhia*” sua intenção é apenas dizer que é por sua própria culpa que ela não vai aceitar o pedido de dançar e, ao agir dessa forma, ela se esquia do não diretivo protegendo a face dos interactantes e mantendo a sua polidez no discurso. Isso nos remete, mais uma vez, a Goffman (1967) que chama de face, a autoimagem pública que uma pessoa constrói, sustenta ou perde, em função da linha de conduta adotada no decorrer de uma interação.

A partir dos exemplos citados no desenvolvimento desta pesquisa, percebe-se claramente as observações de Goffman (1967) que explicam que durante as interações, os indivíduos são orientados por um princípio de respeito a dois desejos de face: o de não sofrer imposição (face negativa) e o de ser aprovado e/ou aceito em certos aspectos (face positiva). Lembrando que, para o autor, a face se refere à autoimagem pública que uma pessoa constrói, sustenta ou perde, em função da linha de conduta usada durante sua interação.

Outro aspecto também observado durante a pesquisa nos remete a Brown e Levinson ([1978] 1987), que apoiados em Goffman, afirmam que, à exceção de situações de ruptura social ou de cooperação urgente, os participantes tendem a mostrar auto respeito, controlando sua conduta de modo a evitar comportamentos inconsistentes com a imagem reivindicada e mostrar consideração pelo outro, sustentando sua imagem ou evitando seu desmascaramento, por isso o brasileiro tem a preocupação em dizer não de forma diretiva. De acordo com os referidos autores, a face é a grande motivação para o comportamento polido.

Também houve a evidência do que sugere Meyer (2013), sobre a descrição e o ensino-aprendizado do português como segunda língua para estrangeiros (PL2E), que não pode se limitar às questões formais da língua, mas que se deve

levar em consideração aspectos da cultura subjetiva de nossa sociedade, questões essas que afloram em ambientes multiculturais. De acordo com a autora acima mencionada, para que o ensino do PL2E nesse tipo de situação seja eficaz, é preciso, ainda, que aspectos de competência intercultural sejam considerados, para que o aprendiz possa adequadamente inserir-se com sucesso no grupo de falantes da língua alvo.

Os aspectos observados podem ser relacionados com a sociolinguística interacional, que ressalta a importância do estudo da linguagem juntamente com a cultura de cada povo, porque o indivíduo é um ser social que age e reage em sociedade, defendendo e expondo sua face conforme sua cultura o permite.

Na cultura brasileira forma diretiva é muitas vezes vista como rude e indelicada, por isso tende-se a ser indiretivo em respostas negativas, um comportamento normal e bem compreendido pelo brasileiro, contudo distante do entendimento de muitos estrangeiros aprendizes do português brasileiro. E, exatamente, por ser uma atitude tão comum no cotidiano do brasileiro, que o professor de PL2E, nativo, muitas vezes, poderia esquecer-se de transmitir tal conhecimento para o aprendiz estrangeiro, e tal esquecimento sobre o uso da indiretividade na esquivia não, que poderia levar o aprendiz a passar por situações desagradáveis.

Devido à falta de conhecimento da cultura interacional brasileira, o estrangeiro, poderia não compreender a verdadeira intenção do locutor que usasse a indiretividade para negar e, com isso poderia se tornar indelicado fazendo mais perguntas e/ou dando sugestões que não fossem condizentes com a realidade situacional. E ainda, quando um estrangeiro aprendiz de PL2E não quisesse aceitar algum convite e/ou solicitação, ou até mesmo quando quisesse dar uma resposta negativa, ele poderia também ser considerado rude, frio ou até mesmo mal educado por fazer uso de uma resposta negativa diretiva (padrão gramaticalmente correto), devido ao desconhecimento dessa sutileza utilizada pelo brasileiro quando quer dizer não sem ofender.

A cultura de um indivíduo sempre vai interferir na maneira em que ele usa a sua língua e, quando se aprende um outro idioma, é preciso, também, que se aprenda a cultura do povo em questão, pois a estrutura gramatical da língua alvo não será o único item necessário para levar o aprendiz a interagir com os nativos daquela língua de forma satisfatória. Ele precisará aprender a expor as suas verdadeiras intenções da mesma maneira que aqueles nativos estão acostumados a fazer, ou pelo

menos, de forma bem semelhante. Além disso, também precisará aprender a interpretar as mensagens que esse nativo tem intenção de transmitir, só assim, o diálogo será satisfatório para ambas as partes.

Michael Kepp (2003), faz alguns comentários sobre como o brasileiro faz para escapar do não. No início da sua crônica, *Modos brasileiros de escapar do não*, ele diz:

“Universalmente, as pessoas se escondem atrás de expressões comprometedoras para evitar assumir a responsabilidade por atos ou opiniões e para fugir dos confrontos embaraçosos. Se essa “esquiva retórica” fosse uma disciplina acadêmica, os brasileiros seriam Ph.Ds.nela.”

É importante destacar que, normalmente, as frases negativas indiretivas são introduzidas por elementos prefaciadores da negação. Esses elementos podem ser linguísticos, conforme vimos nos exemplos destacados no corpus da pesquisa, ou extralinguísticos e, devem ser mostrados para o aprendiz a fim de que ele possa ter a opção de fazer o uso adequado da língua de acordo com o contexto situacional vivenciado pelo próprio.

## 6. Conclusão

Observamos por meio dos exemplos citados no desenvolvimento da pesquisa, que no português do Brasil, existe muito cuidado ao dizer “não” e que muitas vezes esse “não”, não vem expresso nas frases, por estar subentendido. Tal atitude faz parte do comportamento linguístico cultural do Brasil, assim, o nativo não tem dificuldades em perceber essa forma negativa e muito menos em utilizá-la sempre que necessário. Porém, o estrangeiro, aprendiz desse idioma, sofrerá grande dificuldade nesse entendimento, principalmente, porque não encontrará explicações sobre esse assunto em gramáticas ou em materiais didáticos, sendo, então, competência do professor de PL2E, mostrar e aplicar esse recurso de negação indireta utilizada pelo brasileiro, assim como destacar seus elementos prefaciadores, afim de que o aprendiz use a língua de maneira adequada, sem passar por situações desagradáveis devido à falta de conhecimento sobre o assunto.

Quando o brasileiro se esquivava da situação de negação diretiva, ou seja, quando ele evita dizer diretamente “não”, torna-se evidente a sua preocupação com a própria face e com a face do outro, pois sendo indiretivo, leva o ouvinte a perceber seu ato ilocucionário, ou seja, sua intenção e, assim, é capaz de manter o bom relacionamento por ter sido aceito diante dessa conduta, afinal, agiu de forma polida dentro dos princípios básicos de interação da cultura brasileira.

Dentre as frases apresentadas na pesquisa, destacamos alguns elementos prefaciadores que nos ajudaram a perceber a indiretividade do “*não*” e os listamos abaixo:

- a) Adjetivo auxiliando a transferir o peso da negação para si próprio: *péssima*.
- b) Advérbio de tempo prefaciando e enfatizando a indiretividade negativa: *“nunca”*.
- c) Estruturas prontas: *“era só o que me faltava”, “pois é”, “sei lá”, “que isso”*.
- d) Frases de desculpas: *“não me sinto à vontade”, “por experiência própria*.
- e) Interjeições: *“ai”, “ah”, “ehh”, “oooh”, “hummm”, “puxa”*.
- f) Justificativas em lugar do “*não*”: *“Tô sem paletó”, “Eu não vou dançar com o paletó, vou dançar com o cara que está dentro dele.”*



- g) Perguntas curtas que transferem a responsabilidade da resposta para o ouvinte: “*pra que*”.
- h) Perguntas usadas como estratégia de ganhar tempo para elaborar uma negativa indiretiva: “*sabe o que que é?*”
- i) Verbos no presente desempenhando papel de imperativo e elemento prefaciador da indiretiva negativa: “*desculpa*”, “*imagina*”, “*olha*”.

Tais elementos prefaciadores podem aparecer sozinhos ou complementando a semântica de alguma(s) palavra(s) na frase, contribuindo para a clareza do ato ilocucionário, contudo, para maior compreensão, é preciso que haja um estudo mais detalhado sobre o tema em questão.

De antemão, podemos concluir que sem o entendimento do uso da indiretividade em frases negativas no cotidiano do brasileiro, o raciocínio de qualquer estrangeiro aprendiz de PL2E, que tivesse aprendido apenas o vocabulário e as estruturas gramaticais da língua alvo sem aprender as características e funcionalidades da cultura de alto-contexto que a acompanha e a influencia, ficaria muito confuso, principalmente, porque os elementos que a prefacia, podem expressar desinteresse, dúvida ou negação, já que são termos vagos e descompromissados. Porém, todos são usados com a intenção de preservar a face dos interactantes, para que haja, assim, um bom relacionamento entre eles.

Podemos, então, afirmar que para compreender uma língua é preciso ir muito além das estruturas gramaticais, é preciso olhar para dentro da língua e conhecer sua alma que é, nada mais, nada menos que a cultura que a acompanha e, isso não se encontra nas gramáticas.

## 7. Referências bibliográficas

ALVES, CARLA AIRES. (2002) *Aspectos da ilocução na interação verbal em contexto pedagógico*. Braga (Portugal): Revista Portuguesa de Educação. ano/vol.15, número 001 pp.147 – 168, 2002.

AZEREDO, JOSÉ CARLOS DE.(2012) *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha.

BECHARA, EVANILDO. (2009) *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Revista, ampliada e atualizada conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BORGES, MILTON, J. (1998) “Comunicação intercultural: uma perspectiva atual”. IN: Milton J. Bennett (Ed.), “*Conceitos Básicos da comunicação intercultural: Leituras Seleccionadas*”. Yarmouth, ME: Imprensa Intercultural.

FIGUEIRA, E.; FARIAS, M. (2007) *A grande família - o filme*. [Filme-vídeo]. Produção de Eduardo Figueira, direção de Maurício Farias, roteiro de Cláudio Paiva e Guel Arraes. Rio de Janeiro, Europa Filmes e Globo Filmes (coprodução), 1 DVD (103 min/color).

GOFFMAN, ERVING. (1967) *Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books.

\_\_\_\_\_. (1971) *Relations in Public: microstudies of the public order*. New York: Basic Books.

\_\_\_\_\_. (1974) *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper & Row.

<http://europafilmes.com.br/v2/detalhes/grande-familia-a-o-filme/235/#.VHz6a5UtBy0>

<http://gshow.globo.com/programas/a-grande-familia/>

<http://gshow.globo.com/programas/a-grande-familia/OPrograma/noticia/2014/07/lineu-surpreende-e-aparece-de-emprego-novo-e-com-amiga-bonitona.html>

<http://globotv.globo.com/rede-globo/a-grande-familia/>

[http://tucnak.fsv.cuni.cz/~hajek/ModerniSgTeorie/texty\\_seminar/Goffman-TheNeglectedSituation.pdf](http://tucnak.fsv.cuni.cz/~hajek/ModerniSgTeorie/texty_seminar/Goffman-TheNeglectedSituation.pdf)

<https://www.youtube.com/user/agrandefamiliaserie1/videos>

[https://www.youtube.com/results?search\\_query=a+grande+fam%C3%ADlia+v%C3%ADlma+d%C3%A1+mole+para+lineu](https://www.youtube.com/results?search_query=a+grande+fam%C3%ADlia+v%C3%ADlma+d%C3%A1+mole+para+lineu)

JUNIOR, SEBASTIÃO ADAIL RODRIGUES. *Metodologia sócio interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman*. In *Linguagem & Ensino*. Pelotas: Vol.8, No.1, 2005. pp.123-148

KEPP, MICHAEL. (2003) *Sonhando com o sotaque*. Rio de Janeiro: Record. “Modos Brasileiros de Escapar do não”, pp.151 a 154.

LIMA, ROCHA. (2012) *Gramática normativa da língua portuguesa*. 50ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.

MEYER, R. M. de B. (2002) “Cultura Brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade”. IN: CUNHA, M. J. C. e SANTOS, P. *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Ed. Da UnB.

\_\_\_\_\_. (2013a) “Cultural, multicultural, intercultural – o português como segunda língua para estrangeiros”. IN: *Revista Matraca*. - Pós-graduação em Letras UERJ, v.20, n. 32. Rio de Janeiro: UERJ.

\_\_\_\_\_. (2013b) “Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipo de brasilidade - uma questão intercultural”. IN: MEYER, R. M. de B. e ALBUQUERQUE, A.(Org.). *Português para estrangeiros: questões interculturais*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.

NEVES, MARIA HELENA DE MOURA (2011). *Gramática de usos do português*. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp.

OLIVEIRA, MARIA DO CARMO LEITE. (2008) “Polidez e interação”. IN: CALDAS-COULTHARD, C. R. & SCLIAR-CABRAL, L. *Desvendando Discursos. Conceitos básicos*. Florianópolis: UFSC.

PERINI, MÁRIO A. (2010) *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.

PRADO, BERNADETE DE LOURDES DA SILVA DO. (2001) *A recusa a convites no comportamento linguístico do brasileiro: uma descrição do português como L1 com aplicabilidade em L2*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado- Departamento de Letras PUC- Rio.

## 8. Anexo

**E1:** Na porta de entrada do baile, quando Lineu estava tentando entrar, foi surpreendido por seu amigo:

Carlinhos: Lineu! E aí, não vai entrar?

Lineu: **Tô sem o paletó!**

Recepcionista: Sem paletó, não entra.

**E2:** Como o par da Nenê não tinha ido ao baile, Lineu a convida para dançar:

Lineu: (...) mas não se preocupe que eu danço com você, isso se você não se importar em dançar com o cara que está usando o paletó de outro. Você se importa?

Nenê: (sorriso) ***Eu não vou dançar com o paletó, vou dançar com o cara dentro dele.***

**E3:** Ao entrar no baile, Lineu encontra a Nenê sozinha sentada à mesa, aguardando o Carlinhos e senta-se junto a ela.

Nenê: Então... Carlinhos não vem mais?

Lineu: ***Ehh...sem o paletó, ele não entra.***

**E4:** Na casa da Nenê, Marilda a encontra experimentando seu antigo vestido de baile, o mesmo que usou quando conheceu o Lineu.

Marilda: E a ocasião não pede um vestido novo não?

Nenê: ***Ah, Marilda, se este deu sorte durante 40 anos, pra que mudar?***

**E5:** Mais tarde, em frente à casa da Marilda, Tuco está deitado num banco se passando por um mendigo. Após conversarem um pouco, Tuco sugere:

Tuco: Que tal a gente entrar e afogar as mágoas juntos, hein?

Marilda: ***Ah! Era só o que me faltava (...)***

**E6:** Depois de uma noite de bebedeiras, Lineu acorda com uma tremenda ressaca e discute com Nenê sobre o baile e a noite anterior.

Nenê: Você não quer mais ir ao baile?

Lineu: ***Ehh... pois é.... isso aí que você falou (...) quarenta anos de namoro merecem uma comemoração especial, Nenê!***

**E7:** Num bar da vizinhança:

Marilda: Oi, Carlinhos, convidei a Nenê, você se incomoda?

Carlinhos: *Oooh, reencontrar a Nenê é sempre muito estimulante.*

E8: Marilda levanta-se da mesa pegar os chopes...

Carlinhos: Já que o Lineu não quer levar você ao baile, você não quer dançar comigo?

Nenê: *Humm, é melhor você dançar com a Marilda, eu tô uma péssima companhia hoje.*

E9: Na porta do salão da Marilda, Nenê encontra com Bebel e uma cliente.

Bebel: *Puxa, não vai dar dona Jussara porque o salão está lotado...*

E10: Na casa da Nenê após ao jantar...

Nenê: (...) Ai, de repente, se você falar com a sua autoridade de professor...

Professor Serjão: *Oooh, olha, desculpa Nenê, não me sinto à vontade para falar sobre isso com o Lineu, é um assunto muito delicado. (...)*

E11: Marilda se encontra com o professor Serjão no cursinho.

Professor Serjão: Peraí, deixa eu ver se eu entendi. Quer dizer que você me chamou aqui pra dizer que não quer me ver mais, é isso?

Marilda: *Ai, sabe o que que é, Serjão? Por experiência própria, esse negócio de ficar dando adeus pelo telefone, não adianta nada, você vai ficar me ligando, eu quero pôr um fim nisso.*

E12: Professor Serjão: Nós não vamos continuar se encontrando?

Marilda: *Ah, eu sinto muito, olha, de relacionamento aberto eu já tô cheia, já basta os que eu tive sem saber, com licença.*

E13: No consultório médico após a realização de alguns exames.

Lineu: É alguma coisa demais?

Médico: Pode não ser nada demais... mas também pode ser um tumor...

Lineu: Eu tenho um tumor?

Médico: Respondo assim que abrir o envelope.

Lineu: Não, não faça isso!

Médico: Não quer saber o resultado do exame?

Lineu: *Pra que?*

E14: Na casa da Nenê, Marilda entra para reclamar que o Tuco não sai da casa dela e a encontra a distraída, lavando roupas e lendo uns bilhetinhos que tinha encontrado no bolso da roupa do marido.

Marilda: Quem que escreveu isso?

Nenê: *Sei lá. Deve ter sido alguma mulher do trabalho dele, né?*

**E15:** Nenê, em sua casa, desabafa com Marilda sobre a situação do baile que, agora, Lineu se recusa a ir.

Nenê: Marilda, pode ser sincera comigo. Você acha que tem mulher no meio?

Marilda: *Que é isso! O Lineu nunca foi disso!*

**E16:** No curso de português do Tuco, Nenê, Agostinho e o professor se encontram:

Tuco: Agostinho, o que você está fazendo aqui?

Agostinho: (...) Estava passando aqui para deixar um passageiro do lado e passei aqui para ver se vocês querem uma carona pra casa. Estou atrapalhando?

Nenê: *Imagina, Agostinho!*

**E17:** A amiga de trabalho de o Lineu o convida para tomar um chope:

Vilma: O que você acha *da gente* tomar um chope hoje? Mas só nós dois!

Lineu: *Olha, hoje não vai dar, sabe? É que eu tenho ainda muito trabalho... vou ficar até mais tarde...*

Vilma: Tudo bem, então. Eu fico com você.